

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

Luiz Renato de Oliveira

**GESTÃO DE SALA DE AULA: OS PROJETOS TEMÁTICOS COMO
POSSIBILIDADE DE TRABALHO PARA EDUCANDOS JOVENS E
ADULTOS DIZEREM SUA PALAVRA**

Sobradinho, RS
2018

Luiz Renato de Oliveira

**GESTÃO DE SALA DE AULA: OS PROJETOS TEMÁTICOS COMO
POSSIBILIDADE DE TRABALHO PARA EDUCANDOS JOVENS E
ADULTOS DIZEREM SUA PALAVRA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional EAD da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Como requisito para obtenção do grau de **Especialista em Gestão Educacional**.

Orientadora: Profa. Me. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Sobradinho, RS
2018

Luiz Renato de Oliveira

**GESTÃO DE SALA DE AULA: OS PROJETOS TEMÁTICOS COMO
POSSIBILIDADE DE TRABALHO PARA EDUCANDOS JOVENS E
ADULTOS DIZEREM SUA PALAVRA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional EAD da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Como requisito para obtenção do grau de **Especialista em Gestão Educacional**.

Aprovado em 29 de junho de 2018:

Alexandra Silva dos Santos Furquim, Me. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Denize da Silveira Foletto, Dra. (UFSM)

Daniela de Oliveira Pires, Dra. (UFSM)

Elena Maria Mallman, Dra. (UFSM)

Sobradinho, RS
2018

AGRADECIMENTOS

A todos que me proporcionaram ao longo de minha formação pessoal e profissional o conhecimento, seja formal e informal, com afetividade, carinho e competência e que me marcaram no gosto de ensinar e aprender.

A minha esposa e filhas pelo carinho e compreensão durante este tempo de estudo e a minha difícil ausência que às vezes foi necessária.

Aos meus colegas de Curso Elionai Postiglione e Letícia Silva pelas conversas e aprendizado durante o percurso de viagem até o Polo Sobradinho.

A orientadora desta monografia Profa. Me. Alexandra Silva dos Santos Furquim pelos aprendizados, olhar aguçado e escuta sensível neste trabalho que ora é finalizado.

Obrigado principalmente ao Grupo de Pesquisa *Dialogus* – Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire /UFSM pelo incentivo na busca em ser mais, mostrando-me que um outro mundo é possível e de que não é possível viver sem sonhos.

***“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador.
A gente se faz educador,
a gente se forma como educador,
permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.***

Paulo Freire

RESUMO

GESTÃO DE SALA DE AULA: OS PROJETOS TEMÁTICOS COMO POSSIBILIDADE DE TRABALHO PARA EDUCANDOS JOVENS E ADULTOS DIZEREM SUA PALAVRA

AUTOR: Luiz Renato de Oliveira

ORIENTADORA: Alexandra Silva dos Santos Furquim

Esta pesquisa surgiu ao dialogar com professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que sentiram a necessidade de aprofundar os estudos buscando possibilidade de planejar as aulas de modo que estas fossem significativas para os estudantes. É no diálogo com todos envolvidos no ensinar/aprender que gestores e estudantes democraticamente vão tomando decisões e compartilhando saberes. Saberes extremamente necessários para a prática emancipatória e autonomia no ambiente escolar. É preciso, então, criar espaços para a participação de todos na escola e que gestores e estudantes possam exercitar a democracia, opinando, tirando dúvidas, questionando e intervindo na aprendizagem, despertando a curiosidade. Nessa perspectiva, a alternativa de trabalhar com Projetos pode mobilizar o educando, resgatando nele a alegria de estar na escola, pois é no espaço escolar principalmente de sala de aula, onde gestor e estudante podem contribuir com o desenvolvimento crítico, envolvendo-se pelo trabalho em conjunto, participando dos diálogos na tentativa de soluções para uma sociedade mais justa, fraterna e mais humana. Assim, de forma a delimitar as referências teóricas que caminharam juntas nesta pesquisa bibliográfica, foram utilizadas as obras de Paulo Freire que ajudaram a compreender a EJA e as obras de Hernandes e Ventura sobre a Pedagogia de Projetos, estabelecendo diálogo com outros autores no campo da educação em geral, da EJA e da Gestão Educacional e Escolar. Neste contexto apresento neste estudo os Projetos Temáticos como possibilidade de trabalho para a gestão de sala de aula com os estudantes da EJA, onde todos possam ser envolvidos na construção e elaboração dos conhecimentos. Conhecimentos estes que precisam ser revistos diariamente, construídos e reconstruídos de acordo com a realidade dos estudantes, a partir de suas opiniões e de seus interesses.

Palavras-chave: Gestão de sala de aula. EJA. Projetos Temáticos.

ABSTRACT

CLASSROOM MANAGEMENT: THEMATIC PROJECTS AS A POSSIBILITY OF WORK FOR YOUNG AND ADULT EDUCANTS SAYING THEIR WORD

AUTHOR: Luiz Renato de Oliveira
ADVISOR: Alexandra Silva dos Santos Furquim

This research emerged in the dialogue with teachers of Youth and Adult Education (EJA) who felt the need to deepen their studies in order to plan the classes so that they were meaningful for students. It is in dialogue with everyone involved in teaching / learning that managers and students are democratically making decisions and sharing knowledge. Knowledge extremely necessary for emancipatory practice and autonomy in the school environment. It is necessary, then, to create spaces for the participation of all in the school and that managers and students can exercise democracy, giving opinions, doubting, questioning and intervening in learning, arousing curiosity. In this perspective, the alternative of working with Projects can mobilize the learner, rescuing in him the joy of being in school, because it is in the school space mainly in the classroom, where manager and student can contribute to the critical development, getting involved in work together, participating in the dialogues in an attempt to find solutions to a more just, fraternal and more humane society. Thus, in order to delimit the theoretical references that went together in this bibliographical research, the works of Paulo Freire were used, which helped to understand the EJA and the works of Hernandez and Ventura on the Pedagogy of Projects, establishing dialogue with other authors in the field of education in general, EJA and Educational and School Management. In this context I present in this study the Thematic Projects as a work possibility for classroom management with EJA students, where everyone can be involved in the construction and elaboration of the knowledge. Knowledge that needs to be reviewed daily, constructed and reconstructed according to the reality of the students, based on their opinions and interests.

Keywords: Classroom management. EJA. Thematic Projects.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
2	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAMINHOS TRILHADOS.....	12
2.1	BREVE HISTÓRICO DA EJA	12
3	GESTÃO DE SALA DE AULA: JOVENS E ADULTOS ENTRE LEITURA DE MUNDO E A LEITURA DA PALAVRA.....	18
3.1	GESTÃO DEMOCRÁTICA E A IMPORTÂNCIA DE ESCUTAR OS JOVENS E ADULTOS EM SALA DE AULA.....	18
3.2	GESTÃO DE TRABALHOS COM PROJETOS: PROFESSORES E ESTUDANTES DIZENDO SUA PALAVRA.....	21
4	GESTÃO EM SALA DE AULA DA EJA: OS DESAFIOS DE ENCONTRAR ALTERNATIVAS DE TRABALHO PARA MOBILIZAR OS ESTUDANTES JOVENS E ADULTOS.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: REPENSANDO AS POSSIBILIDADES DE TRABALHO PARA ALÉM DO ACHADO	28
	REFERÊNCIAS	30

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa surgiu ao dialogar com professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que sentiram a necessidade de aprofundar os estudos buscando possibilidade de planejar as aulas de modo que estas sejam significativas para os estudantes. Vem também ao encontro de professores gestores de sala de aula que buscam refletir sobre as condições deste grupo de estudantes e as suas especificidades, pois estes apresentam condições de não serem mais crianças (acima de 15 anos), sendo jovens e adultos fora do tempo “dito certo” ou ainda com muitos anos afastado da escola. Traz a necessidade de uma abordagem de conhecimentos relacionados ao cotidiano, os quais favoreçam a escolarização com a construção coletiva através dos trabalhos com Projetos¹.

Tanto os jovens como os adultos estão vivendo hoje no mundo da informação que cresce e se expande muito rápido no século XXI, o que reforça o objetivo de construir uma EJA baseada naqueles *saberes de experiências*² dos estudantes que precisam e desejam aprender, incluindo a todos, desde o educando desempregado, que tem família para sustentar, até o educando trabalhador, de maneira que todos se sintam acolhidos na escola.

Dessa forma, o que percebo, em um mundo cada vez mais globalizado e imediatista, é a necessidade de compreender o processo do trabalho e as tecnologias atuais necessárias para apropriar-se do conhecimento. Conhecimento este que precisa ser revisto dentro do espaço da gestão escolar para que se construam ações concretas a partir dos saberes de vida dos estudantes, melhorando sua qualidade de vida e de interação com o outro. Isso para que ambos, em uma ajuda mútua e a partir de suas reais necessidades, possam transformar a sociedade. É preciso que novas alternativas sejam criadas a fim de que os estudantes se

¹ Surge no início do século XX com John Dewey e outros representantes da chamada “Pedagogia Ativa”. Já nessa época, a discussão estava embasada numa concepção de que “educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente - tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio” (DEWEY, 1897).

² Paulo Freire coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996).

apropriem do conhecimento, sejam ouvidos e tenham o direito de dizerem suas palavras.

A sociedade passa hoje por uma série de mudanças. Mudanças essas que se refletem na escola em todos os seus aspectos. A escola é um lugar de convivências e de relações com o outro, onde os estudantes trazem consigo uma bagagem de conhecimentos que não podem ser esquecidas e muito menos posto de lado para um segundo momento.

É preciso que, cada vez mais, sejam aprofundados os estudos de formação continuada de professores para dialogar e debater esse conhecimento do estudante que chega à escola com seus saberes de vida e sua leitura de mundo. É necessário que os professores tenham um novo olhar, que observem esse potencial dos estudantes que têm uma vida social, seu grupo, filhos, trabalham fora, ou estão à procura de trabalho. Que esse homem e essa mulher possam ter seus saberes de vida integrados ao currículo da escola, que sejam ouvidos, escutados.

É na gestão de sala de aula que o professor lida com espaços tempo, com as histórias de vida dos estudantes que no encontro com seus pares interagem vivenciando situações que possibilitarão o crescimento de todos. Atuando com conhecimento, organizando a sala onde convivem, planejando o seu trabalho pedagógico, mediando os conflitos que poderão surgir, o professor estabelece confiança nos envolvidos no processo de ensinar/aprender.

Penso que para o estudante se apropriar do conhecimento ele tem que estar motivado, precisa ser despertado para o estudo. Assim, o professor precisa provocar a curiosidade dos estudantes para um ensinar/aprender de acordo com seus interesses e estimule o seu aprendizado.

Nessa perspectiva, acredito no trabalho com projetos temáticos, visto que esses partem de questões levantadas pelos próprios estudantes, a partir de seus interesses e necessidades. Desse modo, pretendo aprofundar os estudos sobre isso, buscando compreender a seguinte problematização: na gestão de sala de aula da EJA, quais as possibilidades dos trabalhos com projetos temáticos serem um estimulador da curiosidade e do interesse dos estudantes à dizerem a sua palavra?

Neste contexto o objetivo geral do estudo foi analisar as possibilidades de planejar a gestão de sala de aula da EJA com projetos temáticos como estimuladores da curiosidade e como forma dos estudantes dizerem sua palavra de acordo com aquilo que sabem e trazem consigo para a escola.

Como opção metodológica foi utilizada nesta pesquisa a abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. Sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2008, p. 50) comenta:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora a quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Assim, de forma a delimitar as referências teóricas que caminharam juntas, foram utilizadas nesta pesquisa as obras de Paulo Freire (1979, 2001, 2008, 2011a, 2011b, 2013) que ajudaram a compreender a EJA e as obras de Hernandez e Ventura (1998) sobre a Pedagogia de Projetos, estabelecendo diálogo com outros autores no campo da educação em geral, da EJA e da Gestão Educacional e Escolar.

Ainda para melhor compreensão e entendimento desta pesquisa, o trabalho foi dividido em 5 capítulos que ficaram assim distribuídos:

No Capítulo 1 – Considerações Iniciais é apresentado a justificativa desta pesquisa bem como o problema, o objetivo geral e a metodologia utilizada.

No Capítulo 2 - *Educação de Jovens e Adultos: caminhos trilhados*, faço um breve histórico da EJA no Brasil, acertos e desacertos, desde a chegada do colonizador europeu até a atualidade, e as vozes que se ergueram na tentativa de uma educação de qualidade.

No Capítulo 3 - *Gestão de sala de aula: Jovens e Adultos entre a leitura de mundo e a leitura da palavra*, apresento a perspectiva da gestão de trabalho com projetos em sala de aula, tendo como visão a cotidianidade e a leitura de mundo dos estudantes da modalidade de EJA a partir dos seus saberes de vida, melhorando sua qualidade de vida e de interação com o outro. Isso para que ambos, em uma ajuda mútua e a partir de suas reais necessidades, possam transformar a sociedade de uma forma participativa e democrática.

No Capítulo 4 - *Gestão em sala de aula da EJA: os desafios de encontrar alternativas de trabalho para mobilizar os estudantes jovens e adultos*, destaco o trabalho com projetos como alternativa de trabalho com estudantes jovens e adultos visto que, os próprios jovens adolescentes e adultos se encontram desmotivados e sem interesse nenhum pelos conteúdos que, para eles, não são significativos. Para

isso, coloco como desafio encontrar alternativas de trabalho, pois em uma sociedade.tão individualista e imediatista, pouco espaço se tem para trabalhar a autonomia e a emancipação dos estudantes.

No Capítulo 5 – Repensando as possibilidades de trabalho para além do achado, apresento as conclusões finais da pesquisa onde é destacado o Trabalho com Projetos como possibilidade de trabalhos para a gestão de sala de aula com a modalidade de ensino da EJA, com todos os envolvidos na construção e elaboração dos conhecimentos de acordo com sua realidade.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAMINHOS TRILHADOS

*“Onde quer que haja mulheres e homens,
há sempre o que fazer,
há sempre o que ensinar,
há sempre o que aprender”
Paulo Freire*

A história da EJA no Brasil esteve marcada por inúmeros descompassos os quais acompanharam um modelo de gestão ditado pela cultura europeia cujos interesses reproduziam os objetivos dos países dominantes. Neste modelo, as orientações traçaram e ainda traçam a estrutura e organização da escola, mesmo em seu funcionamento. Para compreender estes caminhos trilhados pela educação brasileira, mais especificamente da EJA, faz-se necessário entender a sua trajetória.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EJA

A denominação “Educação de Jovens e Adultos” é muito recente no cenário da educação brasileira, da mesma forma que a gestão escolar. A EJA é uma modalidade de ensino que compreende, ao longo dos anos, várias experiências que surgiram, desde formais até não formais de práticas de escolarização. No entanto, foi preocupação desde a chegada do colonizador europeu com a orientação do ensino jesuítico em 1549, centrada no ensino de crianças e também de adultos, com a finalidade de catequizar o nativo e convertê-lo à fé católica e de expandir o catolicismo freado pela Reforma Protestante (1517-1648) que surgiu na Europa.

Sobre o ensino jesuítico, Sander (2001, sp.) afirma:

Era uma política exclusivista que atendia primordialmente a classe social dominante. Era uma política pública confessional que utilizava os sacerdotes e religiosos para formar os alunos para a obediência, a submissão e o respeito a Deus e a autoridade constituída e imposta monarquicamente, para não dizer autoritariamente. Enfim, era uma política educacional discriminatória do ponto de vista de classe social, de etnia e de gênero.

Nesse sentido, assim como hoje, as poucas aulas noturnas eram para os trabalhadores que não tiveram oportunidades de estudo ou precisaram interrompê-lo pela necessidade de trabalho, ficando excluídos do processo educacional. O que se percebeu no decorrer dos anos e mais precisamente no período Imperial, foi o

surgimento de uma elite mineradora burguesa em ascensão que precisava passar sua ideologia de classe dominante para os menos favorecidos, reprimindo-os e explorando sua mão-de-obra sem dar-lhes oportunidades de se humanizarem, de dialogarem, de libertarem-se de suas condições alienantes de excluídos e dominados. Isso os deixava também à margem da escola, desprovidos de conhecimento, da formação, do encontro com o outro que esse ambiente proporciona.

Romanelli (2009, p. 37) afirma que:

Parte da população que então procurava a escola já não era apenas a pertencente à classe oligárquico-rural. A esta, aos poucos se somava a pequena camada intermediária, que, desde cedo, percebeu o valor da escola como instrumento de ascensão social. Desde muito antes, o título de doutor valia tanto quanto o de proprietário de terras, como garantia para a conquista de prestígio social e de poder político. Era compreensível, portanto, que, desprovida de terras, fosse para o título que essa pequena burguesia iria apelar, a fim de firmar-se como classe e assegurar-se o status a que aspirava.

Por longo tempo, desde o final do Império até os primeiros anos da República Brasileira, a EJA foi definida como a educação dos milhares de homens e mulheres vistos como uma força de trabalho e que precisava ser alfabetizada para dominar o sistema de produção no capitalismo em ascensão.

As escolas noturnas no Brasil só se expandiram com as grandes mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas décadas de 1940 a 1950, do século XX. Neste período ocorreu a influência do modelo de educação tendo como base o fordismo e o taylorismo³ trazendo em sua essência a ordem e o progresso típico do sistema fabril.

Houve, nesse período, um rápido processo industrial e de explosão demográfica urbana, consolidando o modelo urbano industrial de sociedade. O desenvolvimento industrial propiciou a exclusão social das classes menos favorecidas, tendo por base o modelo de comportamento das elites dos países centrais capitalistas que não se importaram com a educação da população dos países periféricos. A preocupação com esse seguimento, por muitos anos, não passou de poucos investimentos e de despreocupação com a parcela da população

³ Modelo de educação bastante difundido nos séculos XIX e XX trazendo as ideias do sistema fabril baseado na uniformização e padronização do ensino influenciou principalmente a administração escolar.

menos favorecida, que, desprovida de iguais condições, ficou impedida de “ser mais” (FREIRE, 2011a, p. 40), de “ser gente”.

Na década de 1950 lançaram-se várias campanhas de alfabetização. A primeira foi a Campanha de Alfabetização de Adultos, logo depois, em 1952, a Campanha de Educação Rural e, mais para o final da década, em 1958, a II Campanha de Erradicação do Analfabetismo, sendo que ambas não tiveram uma vida muito longa e pouco se observou de ações positivas que realmente ocasionassem mudanças.

Cita-se como exemplos o Movimento de Educação de Base (MEB), do Movimento de Cultura Popular do Recife, das iniciativas dos programas do Movimento de Centros Populares de Cultura União dos Estudantes, assim como a Campanha Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria de Educação de Natal. Todos eles se inspiravam na proposta epistemológica de Paulo Freire, que entendia a alfabetização como processos de leitura de mundo e leitura da palavra, com processos de reflexão crítica sobre a realidade que condiciona e aliena as pessoas, impedindo-as de “ser mais”. Assim, alfabetização significava conscientização, capacitando homens e mulheres para “dizerem sua palavra” e tomarem nas mãos as suas próprias histórias, a se emanciparem (FREIRE, 2011b).

Apesar dos grandes avanços ocorridos na área de alfabetização de adultos, o Golpe Militar de 1964 interrompeu esse processo inovador e crítico. Muitas experiências de alfabetização, aos poucos, foram regredindo ou, até mesmo, desaparecendo, devido ao forte aparato ideológico e repressor da Ditadura Militar que puniu com mão de ferro todos aqueles que ousaram mobilizar as massas contra os silenciamentos⁴. Nesse período, inúmeras pessoas desapareceram e outros “tantos” pediram exílio para outros países, mas nunca deixando de sonhar com a utopia de uma outra sociedade e um outro mundo possível.

Há um retorno da educação para o controle das pessoas e o Governo Militar cria, a partir de 1969, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que mesmo trabalhando com alfabetização de adultos tinha um rígido controle federal em que as pessoas eram identificadas como um “ser vazio”, um sujeito a ser

⁴ Proibir o homem de dizer a sua palavra é proibi-lo de se tornar homem, censurar o homem a dizer a sua palavra é escravizá-lo nas grades da cultura do silêncio. STREK, Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 371.

socializado. Somada ao Mobral, a LDB 5692/71 define a organização do Ensino Supletivo que se aproximou da proposta educativa da Educação Básica.

De acordo com Ghiraldelli Jr (1994, p. 70):

A Ditadura Militar, sob o vácuo deixado pela destruição das entidades que incitavam os movimentos de educação popular, criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL que, para se fazer passar por eficaz, chegou mesmo a dizer que poderia utilizar-se do “Método Paulo Freire desideologizado”. Evidentemente, isso era um absurdo, dado que o método Paulo Freire autêntico não poderia conviver com uma educação que não conscientizasse a partir da constatação e denuncia do modelo econômico concentrador de renda que, de fato atingiu duramente a clientela do MOBREAL.

A experiência de alfabetização pelo Mobral permaneceu até sua extinção em 1985, e foi substituída pela Fundação Educar, que previa escolarização aos excluídos da escola. Muitos grupos de Educação Popular que haviam desaparecido, ou mesmo regredido com seu trabalho, voltaram a atuar por meio de convênio com a Fundação.

Haddad e Di Pierro (2000a, p. 120) afirmam sobre a Fundação Educar que:

As práticas pedagógicas informadas pelo ideário da educação popular que até então eram desenvolvidas quase que clandestinamente por organizações civis ou pastorais populares das igrejas retomaram visibilidade nos ambientes universitários e passaram a influenciar também nos programas públicos e comunitários de alfabetização e escolarização de jovens e adultos.

A EJA se fortaleceu com a Constituição Federal de 1988 que responsabilizou o Estado pela oferta de ensino obrigatória e gratuita aos alunos desta modalidade de ensino, que antes era apenas para crianças. Nessa Constituição verifica-se a clareza em relação aos objetivos e os princípios destinados aos jovens e adultos que a ela não tiveram acesso em “idade própria”. A EJA “ampliada”, dessa forma continuou ainda fragmentada, heterogênea e voltada principalmente à empregabilidade, ou seja, ao mercado de trabalho. Isso é reforçado pelo princípio da submissão, opressão do capital e ênfase na mais valia; ou tu trabalha, ou está fora da sociedade. O ser humano tem validade por aquilo que possui enquanto bens materiais, obrigado à produção e ao consumo desenfreado.

Há nesse período ainda, um grande retrocesso no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso. Neste governo foi promulgada a Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9394/96, a qual fez referência sobre gestão democrática e a EJA, resgatando pontos importantes que estimularam a elaboração de propostas visando a promoção de igualdade para o acesso e permanência do jovem e adulto na escola. Essa Lei adotou concepções que apontaram para a valorização das práticas escolares, das experiências extraclasse e das relações mais humanas com os estudantes

Mesmo com os avanços oferecidos consolidados na LDBEN, ao entrar o século XXI a EJA permanece ainda marcada pela descontinuidade e pela falta de compromisso com essa modalidade. Muitos ainda continuaram e continuam sem acesso às novas tecnologias e a refletir sobre as novas estruturas do trabalho que lhes exigem a qualificação maior.

Muitos desafios ainda foram lançados neste novo milênio para firmar um compromisso com a EJA. Cita-se como exemplo em nível internacional, a Declaração de Hamburgo, na Alemanha em 2003, que estabelece a vinculação da educação de jovens e adultos com o desenvolvimento sustentado e equitativo da humanidade; em nível federal, o Parecer do conselho de Educação Básica de 11/2000 estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA.

Nesses compromissos apresentados, o Parecer 11/2000 propõe:

[...] a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vacionado" apenas para tarefas e funções "desqualificadas" nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionário regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 2000, p. 5).

Neste Parecer, a EJA é compreendida como uma "dívida social" que precisa ser reparada, e que aqueles que não tiveram acesso a educação escolar e nem sofram preconceito por estar fora dela no tempo "dito certo".

O Parecer aponta ainda para funções próprias da EJA que são: função reparadora (oportunidade concreta da presença de jovens e adultos na escola), função equalizadora (necessidade de mais vagas para novos alunos e alunas com uma nova oportunidade), função permanente (atualização de conhecimentos para

toda a vida) e função qualificadora (promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas e idades) (BRASIL, 2000).

Assim, a EJA vem aos poucos se configurando como espaço de vivências e de aprendizagens, tentando se constituir, pois ainda há um longo caminho a percorrer, para se tornar um espaço de prática e reflexão. Precisa que se estabeleça um compromisso por parte das políticas públicas, que assegurem o direito à educação tanto do jovem como do adulto, com governantes e professores comprometidos com o *quefazer* escolar. É preciso comprometimento dos gestores com esses estudantes, pois a EJA deve ser constituída em um espaço que se valorize o diálogo e a escuta, e que cada um e uma possam “dizer a sua palavra”, respeitando seu jeito de ler o mundo.

Pensando na escola como “lugar de gente”, é preciso compreender um pouco desses sujeitos que fazem parte dela, professores e estudantes, e isso se torna possível através do diálogo amoroso e afetivo, possibilitando a escuta sensível de suas leituras de mundo. É na gestão de sala de aula que a participação, a reflexão e o reconhecimento e valorização de todos acontece.

3 GESTÃO DE SALA DE AULA: JOVENS E ADULTOS ENTRE LEITURA DE MUNDO E A LEITURA DA PALAVRA

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho,
na ação-reflexão”.*
Paulo Freire

A gestão em educação sendo entendida como decisão e participação acontece em todos os espaços da escola. Mas, é na sala de aula onde se dá principalmente a concretude do Projeto Pedagógico (PP), seu planejamento e tomadas de decisões que no encontro com o outro se realiza. Assim, relacionando-se com o mundo e com os outros, homens e mulheres vão se conhecendo e construindo democraticamente o conhecimento a partir da sua realidade. Desta forma, quando Freire (2011b) diz que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra” deixa o entendimento de que primeiro se conhecemos o mundo em que vivemos, a nossa família, os nossos amigos e que depois aos poucos, ao iniciar o processo de escolarização, vamos relacionando o mundo com as palavras, daí a importância de escutar os jovens e adultos, incentivando para que democraticamente possam dizer a sua palavra.

3.1 GESTÃO DEMOCRÁTICA E A IMPORTÂNCIA DE ESCUTAR OS JOVENS E ADULTOS EM SALA DE AULA

O processo educacional brasileiro sempre foi pensado e idealizado pela cultura dominante do gestor europeu que pensou homens e mulheres das classes populares, capazes apenas para o trabalho, para a força bruta, desumana, desigual. A igualdade entre todos os seres humanos é uma das premissas da educação freireana, a qual salienta que a relação com o mundo não é, mas está sendo. Por isso, a constante necessidade de aprender mais (FREIRE, 2011). Isso não é um privilégio onde poucos têm essa capacidade, mas que faz parte da natureza humana conhecer e refletir sobre a realidade.

Freire desde seus primeiros inscritos chama a atenção para a necessidade de uma educação emancipadora, dialógica, participativa, democrática. Salientou sempre sobre a importância de conhecer, por meio da educação, as maneiras como

mulheres e homens interpretam o mundo e agem sobre ele para transformá-lo. O seu trabalho partia sempre dos níveis e das formas como os estudantes compreendiam a realidade, daí a importância da escuta sensível e amorosa daquilo que cada estudante traz consigo.

Freire e Shor (1986, p. 85) faz o seguinte comentário:

O que é que eu quero dizer com dicotomia entre ler as palavras e ler o mundo? Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as "palavras da escola", e não as "palavras da realidade". O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam.

Há algum tempo, alguns professores se questionam se na escola a possibilidade de escuta e diálogo é presente, e se é de forma comprometida com a ação humanizadora que precisa envolver o educador a cada dia. Será que a escola, professores e os estudantes têm seus tempos e espaços respeitados para o *ser mais*?

Para que cada um, na escola, seja reconhecido e tenha seus tempos e espaços respeitados, o processo de escuta é extremamente necessário. O diálogo entre professores e estudantes é a premissa para o reconhecimento e o compartilhamento de saberes e vivências, é uma dimensão que perpassa todo o processo educativo, pois sem ele seria impossível construir qualquer prática pedagógica humanizadora. É no diálogo com todos envolvidos no ensinar/aprender que gestores e estudantes democraticamente vão tomando decisões e compartilhando saberes. Saberes extremamente necessários para a prática emancipatória e autonomia no ambiente escolar.

A participação, o diálogo, a discussão coletiva, a autonomia são práticas indispensáveis da gestão democrática, mas o exercício da democracia não significa ausência de responsabilidades. Uma vez tomada as decisões coletivamente, participativamente, é preciso pô-las em prática (LIBÂNEO, 2007, p. 331).

Essa partilha de saberes, vivenciados na escola, se entrelaçam com as práticas pedagógicas que, quando realizadas e dialogadas, desenvolvem o humano e cotidiano, criando uma autonomia nos estudantes e nos gestores de sala de aula que na participação vão trocando saberes no ensino/aprendizagem. E esse aprender não se relaciona apenas com aprender conteúdos, regras, rotinas, mas se relaciona com ouvir o outro, respeitar suas opiniões, perceber que ele é parte importante do diálogo, para que ambos, professores e estudantes, possam *dizer a sua palavra*, e assim a escuta possa acontecer de forma concreta.

Paulo Freire aponta como um dos saberes necessários à prática educativa, o saber escutar. Assim ele escreve:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*. [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele (FREIRE, 2011a, p. 111, grifos do autor).

Os adolescentes, os jovens e os adultos, ao chegarem à escola, trazem consigo suas histórias e uma bagagem de conhecimentos que deve ser levada em consideração, servir de base para a prática educativa, e por isso a necessidade de um trabalho *com* o estudante e não *para* ele. Nesse processo, a humildade para escutar o outro e reconhecer suas vivências e seus conhecimentos tão diversos como fundamentais no processo educativo, é essencial. E cabe ao professor, nessa acolhida aos estudantes, buscar conhecer suas *leituras de mundo* e desenvolver sua prática pedagógica respeitando seus conhecimentos, suas experiências de vida, suas necessidades e interesses.

Para isso, o professor/gestor não deve ser autoritário, precisa assumir-se democrático e, portanto, desenvolver condições de favorecer o processo democrático no dia a dia da escola. Precisa dispor ainda de recursos teóricos bem como das habilidades técnicas e políticas, que possam garantir uma gestão dentro de uma perspectiva de ação democrática, da qual todos participam.

Lück (2011, p. 58), sobre a ação democrática, salienta:

A ação democrática é condição fundamental para a construção da realidade e do respectivo conhecimento, e que a educação democrática é aquela que oferece a todos que fazem parte da organização escolar a oportunidade de participação como condição não apenas de construir a realidade social pedagógica, mas também de criar seu próprio conhecimento sobre esse processo.

Neste contexto, a democracia não está apenas no discurso, mas também precisa de ações que possam auxiliar na sua construção. É necessário, então, criar espaços para a participação de todos na escola e que gestores e estudantes possam exercitar a democracia, opinando, tirando dúvidas, questionando e intervindo na aprendizagem, despertando a curiosidade. Assim, para garantir que a democracia aconteça é preciso participação, planejamento entre gestores e estudante no espaço escolar, exercitando a cidadania e autonomia, combinando os quefazeres pedagógicos com a reflexão e ainda tomada de consciência, que propiciará a busca de alternativas para a inovação e criticidade no espaço escolar.

Para tanto, é preciso encontrar formas de escuta e de diálogo na escola que possam contribuir para o crescimento e envolvimento das gentes no processo educativo, de maneira que estas possam conhecer e construir possibilidades de transformação de suas realidades. Daí a necessidade de uma educação escolar mais próxima da realidade dos estudantes, que venha ao encontro das suas reais necessidades e que tenha um significado dentro e fora dos muros da escola, o que requer a escuta constante dos jovens e adultos que fazem parte deste espaço.

3.2 GESTÃO DE TRABALHOS COM PROJETOS: PROFESSORES E ESTUDANTES DIZENDO SUA PALAVRA

Trabalhar com projetos temáticos não é uma forma nova do professor/gestor de sala de aula organizar os trabalhos pedagógicos. Essa forma de trabalho surgiu no início do século XX com o norte-americano John Dewey e com outros representantes da Pedagogia Ativa. Dewey, em 1897, já afirmava que "a educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente – tão real e vital para o educando como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio". Essas já eram questões de debate para a concepção de uma educação "que fosse instigadora da mudança social e, ao

mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança” (GADOTTI, 1993, p. 142).

No Brasil, o movimento escolanovista de 1932, com os Pioneiros da Educação⁵, levantou a ideia de uma crítica à pedagogia tradicional, em que a obediência e submissão eram um obstáculo ao desenvolvimento do indivíduo, uma vez que esta não ensinava a pensar, mas a copiar e repetir aquilo que era repassado. Com o Manifesto dos Pioneiros da Educação no Brasil, abre-se o caminho para uma educação mais humana, que respeitasse a concepção de mundo dos educandos, assim como seus saberes de experiência. Sobre a Escola Nova, Paulo Freire afirma que ela “não foi um mal em si, como sustentam alguns professores “conteudistas”. Ela representou, na história das ideias e práticas pedagógicas, um considerável avanço” (FREIRE apud GADOTTI, 1993, p. 148).

A organização dos trabalhos por projetos, aqui mencionada, significa uma postura pedagógica que o professor/gestor de sala de aula vai tomar a fim de que, na formação do sujeito, este seja capaz da autocrítica, da participação, da reflexão e da autonomia. O professor, ao trabalhar com projetos, poderá despertar nos estudantes as qualidades que são necessárias para sua formação integral, bem como auxiliar nas tomadas de consciência dos valores necessários para a convivência com o outro. Nessa dinâmica de trabalho, professores e estudantes buscam o mesmo propósito que é a construção compartilhada do conhecimento, permeada por uma convivência saudável nas relações interpessoais.

Hernandes e Ventura (1998, p. 64) salientam sobre a organização dos trabalhos por projetos:

É importante constatar que a informação necessária para construir os projetos não está determinada de antemão, nem depende do educador ou do livro texto, está sim em função do que cada aluno já sabe sobre o tema e da informação com a qual se possa relacionar dentro e fora da escola.

Diante disso, percebemos a necessidade de pensar na cotidianidade dos estudantes, pois ainda encontramos, em pleno século XXI, uma escola com uma educação compartimentada e distanciada da realidade e das transformações que vêm ocorrendo no mundo e na vida dos estudantes. As escolas ainda não trabalham com o cotidiano e sobre a vida dos estudantes, tampouco para a autonomia e para a

⁵ Pioneiros da Educação Movimento pela educação ocorrida no Brasil em 1932 que traz em sua essência a crítica à escola tradicional.

construção da cidadania, deixando para um segundo plano os saberes de vida do estudante. Isto demonstra os desafios que os professores e a escola precisam para trabalhar a partir desses saberes de vida e assim apostar na capacidade de cada um e cada uma resgatar sua autoestima e confiança de aprender e de buscar “ser mais”.

Sob esse prisma, concordo com Freire (2011a, p. 62) quando afirma:

Não é possível o respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, a sua identidade fazendo-se, se não levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitas” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.

No mundo contemporâneo, é necessário rever as práticas escolares, com vistas a tornar os conhecimentos mais significativos para os estudantes, buscando uma identidade de escola. Urge que essas instituições deixem de trabalhar a partir da prática autoritária, que vêm se mantendo através do medo, do terrorismo e da reprovação. Esse tipo de escola termina destruindo a autoestima e a curiosidade do estudante. Sobre isso, Freire (2011b, p. 81) salienta que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo e com os outros”.

A sala de aula é o espaço de encontro dos sujeitos com suas histórias de vida, e sensações e sentimentos poderão fluir. A interação entre eles dependerá do professor/gestor que de uma forma democrática mediará situações que possibilitarão o crescimento de todos os envolvidos no processo de ensinar/aprender, pois Freire (2011a) já afirmava que “enquanto ensinamos também aprendemos muito com nossos estudantes”. Diante disso, é preciso encontrar formas de diálogo, na escola e na sala de aula, que possam contribuir para o crescimento e envolvimento dos sujeitos no processo educativo, de maneira que estes possam ser cidadãos atuantes e participativos na sociedade.

Assim, os professores possuem o grande desafio de buscar alternativas, visando proporcionar aos estudantes o prazer e a alegria de estar na escola. Nessa perspectiva, a alternativa de trabalhar com Projetos pode mobilizar o educando, resgatando nele a alegria de estar na escola. De acordo com Antunes (2012, p. 132), os projetos também podem ser “[...] usados para explorar conceitos e conteúdos; os projetos se prestam também a programas de serviços comunitários,

campanhas de solidariedade [...] e uma infinidade de outras atividades extracurriculares”.

Pensando nisso, o Trabalho com Projetos vem a contribuir com a vida dos jovens e adultos na sociedade em constante transformação, a qual necessita de pessoas criativas e engajadas em busca de um futuro melhor, de respeito às diferenças. No espaço escolar, principalmente de sala de aula, é onde gestor e estudantes podem contribuir com o desenvolvimento crítico, envolvendo-se pelo trabalho em conjunto, participando dos diálogos na tentativa de soluções para uma sociedade mais justa, fraterna e mais humana.

Nogueira (2008, p. 55) salienta que os projetos podem ser pensados ainda:

[...] como estratégias facilitadoras do trabalho voltado à globalização, ou seja, aquele que leve o aluno a enxergar relações além das disciplinas de tal forma a interpretar o mundo, a realidade e a sociedade na qual está inserido.

Diante disso, o trabalho com projetos não é apenas uma técnica atraente, ou mesmo, uma dinâmica que facilita o trabalho na escola. Configura-se em muito mais do que isso, pois demanda tempo, vontade de se trabalhar de forma interdisciplinar, compartilhando saberes entre todos os envolvidos no processo, com professores e estudantes (re)construindo conhecimentos de forma participativa, solidária, partindo da “leitura de mundo”⁶ dos estudantes para chegar à leitura da palavra.

⁶ A leitura do mundo e da palavra é, em Freire, direito subjetivo, pois dominando signos e sentidos, nos humanizamos, acessando mediações de poder e cidadania. STREK, Danilo, REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 238.

4 GESTÃO EM SALA DE AULA DA EJA: OS DESAFIOS DE ENCONTRAR ALTERNATIVAS DE TRABALHO PARA MOBILIZAR OS ESTUDANTES JOVENS E ADULTOS

*“Ensinar não é transferir conhecimentos,
mas encontrar caminhos para a sua construção”
Paulo Freire*

Nos últimos tempos, muito se tem discutido sobre o trabalho na gestão de sala de aula e a forma de organizá-los. Isso porque a sociedade vem mudando e com ela novas tecnologias vão surgindo a cada instante em uma velocidade espantosa. Isso acabou por provocar uma série de debates sobre o papel da escola e também reflexões sobre o que se esperar dela num momento complexo para sociedade e a economia na atualidade.

Sendo assim, surgiu a necessidade de criar uma proposta de trabalho na gestão de sala de aula que se aproximasse o máximo possível das reais necessidades dos estudantes, tornando o conhecimento mais significativo. Uma forma de trabalho docente em que cada gestor de sala de aula se sente comprometido com a formação humana, valorizando as experiências que os estudantes trazem consigo quando chegam à escola. A ideia era estabelecer alternativas para uma organização dos trabalhos em que os educandos pudessem utilizar o conhecimento para a vida, ou seja, dentro e fora da escola.

Freire (2011b, p. 116) destaca que:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou ponto de vistas sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos.

Ao pronunciar os trabalhos com Projetos quero mostrar as possibilidades de mobilizar os estudantes para a aprendizagem de uma forma crítica e significativa. Construir, coletiva e cooperativamente – a partir da realidade vivida por professores e estudantes – os conhecimentos e as aprendizagens, num processo de escuta, afetividade e compromisso entre ambos. Ao invés de uma educação que teimosamente tenta, a todo custo, transmitir conhecimento, recitar, repetir, memorizar o que já está pronto.

O trabalho com projetos⁷ auxilia na construção do conhecimento, pois acontece de uma forma dinâmica e cooperativa, em que todos os envolvidos no processo apreendem através da troca de ideias e de experiências, centrados na criatividade, na invenção e na reinvenção do contexto a ser estudado, refletindo sobre o cotidiano para então ajudar a transformá-lo.

Freire (2008b, p. 104-105) comenta:

É a isso que chamo pensar a prática e é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor. E quanto mais penso e atuo assim, mais me convenço, por exemplo, de que é impossível ensinarmos conteúdos sem saber como pensam alunos no seu contexto real, na sua cotidianidade.

A pedagogia crítica de Paulo Freire aborda, em sua essência, a importância da escuta sensível e do diálogo-problematizador para que todos tenham a capacidade de mudar e de criar alternativas para que a transformação aconteça a partir da tomada de consciência do contexto vivido. Nesse sentido, busca-se em Hernandez e Ventura compreender os trabalhos com projetos temáticos, os quais buscam, no interesse dos educandos, um elemento motivador para que a aprendizagem aconteça, sem a necessidade de acúmulo de conteúdos sem significados.

Esses autores destacam ainda que:

Não se trata de favorecer o enciclopedismo ou a acumulação repetitiva de informação, e sim de estimular, através da utilização de diferentes procedimentos e estratégias, a seleção da informação para favorecer a autonomia progressiva do aluno (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p. 50).

Esse estímulo à autonomia do educando aparece também em Freire, pois ele acredita que, por via do diálogo reflexivo, professores e estudantes podem alcançar a conscientização. Ou seja, só podemos alcançar essa conscientização através de uma educação ativa e crítica, dialogada e relacionada com conteúdos significativos, em uma aprendizagem compartilhada, que dê condições e possibilidades para a construção do conhecimento, que possam superar as situações problemas enfrentadas na cotidianidade, pela constante e permanente “leitura do mundo e leitura da palavra”.

⁷ Para melhor entendimento sobre Pedagogia de Projetos ver a Dissertação de Mestrado OLIVEIRA, Luiz Renato de. **Ensinando e Aprendendo com Projetos Temáticos: um desafio para a formação permanente de educadores da educação de jovens e adultos**, UFSM, 2015.

Neste início de século XXI, a organização dos trabalhos por Projetos apresenta-se como uma proposta a ser adotada. Traz um novo significado dentro do contexto sócio-histórico não tão imediatista como o ambiente em que o educando está inserido, mas investido de temas da vida cotidiana. A concepção de trabalhos com projetos propõe também hoje temas emergentes. Por isso a necessidade de um currículo integrado que tenha o enfoque globalizador e interdisciplinar, não somente com professores, mas com professores e estudantes juntos na construção de saberes através da troca de experiências, do respeito mútuo e de valores socialmente construídos dentro e fora da escola.

Freire acrescenta a possibilidade de instigar a curiosidade dos estudantes, despertando neles o interesse de realizar as atividades que acabam tornando-se significativas por estarem relacionadas às necessidades e interesses deles. Daí a importância de trabalhar também com projetos temáticos a partir dos temas levantados pelos próprios estudantes e de suas curiosidades. Freire transcende ainda a ideia apenas de curiosidade, pois cria o termo curiosidade epistemológica. Essa curiosidade epistemológica “não é qualquer curiosidade, mas é a que está ligada ao difícil, mas prazeroso, ato de estudar. É própria da consciência crítica e se desenvolve no processo de conscientização” (FREITAS, 2010b, p. 108).

A perspectiva de trabalhar com projetos cria a possibilidade do estudante construir a sua própria autoria e autonomia, desenvolvendo seu pensamento crítico, reafirmando sua responsabilidade pessoal e social e, conseqüentemente, possibilitando a tomada de consciência e a conscientização enquanto compromisso com a sua auto(trans)formação assim como com a transformação da sua realidade. Na pedagogia freireana, é através da “conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos” (FREITAS, 2010a, p. 88).

Assim, o grande desafio para a escola e, conseqüentemente, para a formação permanente de professores é a necessidade de preparar os estudantes para interferir no meio educacional como um cidadão que faz suas escolhas. Por isso, urge a necessidade de buscar práticas educativas que estimulem a curiosidade epistemológica e o pensamento crítico dos estudantes, promovendo a auto(trans)formação deles e de seus professores através da reflexão e do comprometimento social e político.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REPENSANDO AS POSSIBILIDADES DE TRABALHO PARA ALÉM DO ACHADO

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas
faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura,
fora da boniteza e da alegria”.*
Paulo Freire

Na atualidade, a gestão de sala da EJA tem apresentado um novo cenário na educação. Percebe-se que no período anterior a 1988, ano da atual Constituição do Brasil, a educação de adultos era direcionada preferencialmente à alfabetização com a finalidade de incluí-lo ao mercado que exigia força de trabalho qualificada.

Hoje, com a garantia de acesso à educação para todos, reafirmada na LDBEN 9394/96, tanto o jovem de 15 anos como o adulto convivem na mesma sala de aula, cada um com suas próprias especificidades, desejos, anseios e sonhos.

Desta forma, trabalhar com EJA hoje não é tão fácil, dada a complexidade da diversidade configurada; atender a esse educando exige do gestor de sala de aula conhecer um pouco da especificidade própria dessa modalidade. Estes jovens e adultos que compõem a EJA estão longe de serem os estudantes para os quais a escola foi pensada e planejada. São seres humanos capazes, mas que, no percurso da vida, foram ficando fora de uma formação escolar dita normal para as sociedades modernas. Foram eles, vítimas da desumanização que corrompe a humanidade, e que ainda, até os dias de hoje, teima em existir cada vez mais hostil com aqueles que estão fora do mercado de trabalho.

Para atender os anseios desta modalidade de ensino, é preciso criar condições que favoreçam a construção de um conhecimento que seja significativo para o educando, que possibilite a ele entender e explicar a realidade, enfrentar os problemas do cotidiano. Nisso os trabalhos com projetos vêm auxiliar, pois é uma possibilidade de trabalho que desafia gestores e estudantes na tomada de decisões e pondo criticamente diante da realidade.

Ao serem desafiados a trabalhar com Projetos Temáticos poderá ocorrer uma significativa melhora nas relações entre professores e estudantes, embora em alguns momentos poderá o conflito surgir e as angústias serem muitas, mas é neste momento que cabe ao gestor de sala de aula garantir que o diálogo seja mantido e

decisões sejam tomadas entre todos os envolvidos na construção do conhecimento. Desta forma, os projetos aproximam os estudantes da construção do conhecimento sistematizado, pois são temas que poderão ser articulados com o currículo escolar já existente, sendo assim, uma forma de aproximar todos na busca por essa construção.

Apresento neste estudo o Trabalho com Projetos como possibilidade de trabalhos para a gestão de sala de aula com a modalidade de ensino da EJA, em que todos sejam envolvidos na construção e elaboração dos conhecimentos. Conhecimentos esses que precisam ser revistos diariamente, construídos e reconstruídos de acordo com a realidade dos estudantes, a partir de suas opiniões e de seus interesses.

Uma gestão de sala de aula com base na solidariedade, respeito mútuo, exercitando valores para viver/exercer a cidadania e para a prática emancipatória, sem deixar de primar por aquilo que compete a escola: a construção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 15/04/2018.

_____. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer 11/2000. Brasília. 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação e mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Pedagogia da tolerância**. Organização e notas de Ana Maria de Araujo Freire. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZIKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010a.

_____. Curiosidade Epistemológica. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZIKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010b.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **História da Educação**. São Paulo: Cortez. 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. n. 4, mai./jun./ago. 2000.

HENZ, Celso Ilgo. **Educação de Jovens e Adultos: processos de construção de relações intra e interpessoais.** ANPED SUL/2010. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, 2010.

HERNANDES, Fernando; VENTURA, Montserra. **A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização.** 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2007.

LÜCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores.** São Paulo: Érica, 2008.

OLIVEIRA, Luiz Renato de. **Ensinando e aprendendo com Projetos Temáticos: um desafio para a formação permanente de educadores da Educação de Jovens e Adultos.** Dissertação de Mestrado em Educação, UFSM, 2015.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973).** 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ROMAO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Educação de adultos: currículos e práticas pedagógicas.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANDER, Benno. Políticas Públicas e Gestão da Educação no Brasil: momentos de uma história em construção. **Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação.** Porto Alegre, ANPAE, v. 17, n. 2, jul./dez. 2001.

STREK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Org.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 369.